

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 29, Romanos 6

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

O que quero fazer nas duas últimas sessões é trabalhar dois textos do Novo Testamento para ilustrar como esses diferentes métodos podem ser aplicados à compreensão do texto bíblico e quero que você acompanhe e tente identificar. Não vou dizer explicitamente que agora estou fazendo história ou agora estou fazendo uma análise lexical ou de palavras ou estudo de palavras ou agora estou olhando para gramática. Quero que você seja capaz de identificar qual método está sendo aplicado, mas não vou indicar explicitamente o que estou fazendo, mas à medida que trabalho no texto aplicando os diferentes métodos, quero que você seja capaz de identificar e estar ciente do que estou fazendo.

O primeiro texto que quero examinar vem de uma das cartas de Paulo no livro de Romanos. Esse é o capítulo 6, 1 a 11 de Romanos, sobre o qual já falamos em relação a algumas coisas relacionadas ao contexto literário, mas quero analisá-lo com mais detalhes como um texto que considero ilustrativo da forma como as diferentes interpretações abordagens podem ser aplicadas. Então Romanos capítulo 6 1 a 11 e apenas para ler este texto já que é curto e levará apenas um minuto, mas para lê-lo para se familiarizar com o conteúdo e o que está acontecendo.

O que deveríamos dizer então? Deveríamos continuar pecando para que a graça aumente? De jeito nenhum. Morremos para o pecado. Como podemos viver nele por mais tempo? Ou você não sabe que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Todos nós fomos, portanto, sepultados com ele na morte através do batismo, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos através da glória do Pai, nós também possamos viver uma nova vida.

Se assim estivemos unidos a ele na sua morte, certamente também estaremos unidos a ele na sua ressurreição. Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele para que o corpo do pecado fosse eliminado e não fôssemos mais escravos do pecado. Porque qualquer pessoa que morreu foi libertada do pecado.

Agora, se morremos com Cristo, acreditamos que também viveremos com ele. Pois sabemos que, visto que Cristo ressuscitou dentre os mortos, ele não pode morrer novamente. A morte não tem mais domínio sobre ele.

Essa morte ele morreu, ele morreu para o pecado de uma vez por todas, mas a vida que ele vive, ele vive para Deus. Então o versículo 11, da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Agora, antes de mais nada, é importante perguntar: por que Romanos foi escrito? Quais são as circunstâncias históricas que cercaram a escrita do livro de Romanos? E como isso nos ajuda a entender o livro deste texto? Em primeiro lugar, quando você olha para o próprio texto de Romanos, ele parece conter sugestões bastante claras na forma de referências a certas localizações geográficas sobre por que Paulo o escreveu e as circunstâncias que cercaram a sua escrita.

Por exemplo, no capítulo 15 e versículo 25, Romanos capítulo 15, e na verdade vou ler 23 e alguns desses versículos começando com o versículo 23, mas agora que não há mais lugar para eu trabalhar nessas regiões, e já que há muitos anos que desejo ver-vos, pretendo fazê-lo quando for a Espanha. Espero visitá-lo durante a minha passagem e que você me ajude em minha jornada até lá e depois de ter desfrutado de sua companhia por um tempo. Agora, porém, estou a caminho de Jerusalém para servir aos santos de lá.

Pois a Macedônia e a Acaia tiveram o prazer de fazer contribuições para os pobres entre os santos em Jerusalém. Eles ficaram satisfeitos em fazê-lo e, na verdade, devem isso a eles. Pois se os gentios tivessem participado das bênçãos espirituais dos judeus, eles deviam aos judeus compartilhar com eles suas bênçãos materiais.

Então Paulo indica claramente, Paulo indica claramente uma série de coisas nessas referências no capítulo 15, nessas referências geográficas. Numa outra seção dos últimos capítulos de Romanos, parece claro que Paulo provavelmente está escrevendo da cidade de Corinto. Mas nestas seções que lemos, podemos construir um cenário.

Número um, Paulo claramente está a caminho de Jerusalém. Paulo está a caminho de Jerusalém com uma oferta que ele reuniu das igrejas da Acaia que ele reuniu, e agora ele está levando-as para Jerusalém. Mas também, estes textos indicam claramente a intenção de Paulo de eventualmente voltar para o oeste para visitar Roma, e mesmo depois disso, continuar para a Espanha.

Assim, Paulo indica claramente que a igreja romana é uma igreja importante que ele deseja visitar, embora aparentemente ainda não o tenha feito, mas que agora está levantando uma oferta após seu ministério na região da Acaia. Agora ele está voltando para Jerusalém com uma oferta, mas com a intenção de voltar para a Espanha, e que ainda mais além disso, para ir mais para o oeste, ou, sinto muito, para Roma, mas além de Roma, o igrejas em Roma para ir ainda mais para o oeste, na Espanha. Outra característica importante que vem de informações extra-bíblicas é que em 49 DC, o Imperador Cláudio, o Imperador Romano durante esta época, em 49 DC expulsou os judeus da cidade de Roma.

E há menções disso em alguns escritos históricos, em particular, que se referem a Cláudio, o imperador Cláudio, expulsando todos os judeus de Roma, e só alguns anos

depois, em 54 d.C., quando Cláudio morreu, e os judeus foram autorizados a retornar, e não demorou muito depois disso, por volta de 55 a 57 DC , que o Livro de Romanos foi escrito. Então, com base em todas essas evidências, é possível sugerir por que Paulo escreveu esta carta? Na verdade, a maioria dos intérpretes pensa que o Livro de Romanos tem mais de um propósito, e pelo menos os três propósitos seguintes parecem emergir do texto e do que sabemos sobre o contexto histórico. A primeira é que Paulo parece estar abrindo caminho para visitar Roma e, finalmente, ir mais para o oeste para visitar a Espanha.

Isto é, ele parece querer assegurar Roma como base e como apoio para a sua futura atividade missionária. Assim, ele escreve para assegurar Roma como base para o que ele quer fazer no futuro, a sua contínua atividade missionária de pregação do evangelho. Mas em segundo lugar, por causa disso, talvez por causa do número um, Paulo parece tentar explicar com algum detalhe o evangelho que ele vai pregar.

Talvez, talvez ele precise explicar isso por causa de alguns mal-entendidos que ocorreram e de parte da oposição de seus oponentes, especialmente dos judeus. E agora Paulo, ao assegurar Roma como base, agora explica com alguns detalhes o evangelho que ele prega. E assim encontramos em Romanos uma das mais claras e detalhadas exposições do ensino de Paulo.

E o terceiro é que Paulo escreve para unir judeus e gentios, talvez relacionado a esta expulsão de judeus sob Cláudio. E agora eles voltam e descobrem que a igreja é predominantemente gentia e, portanto, a luta que poderia ter ocorrido para integrá-los novamente pode ter causado uma ruptura no relacionamento entre judeus e gentios. E assim Paulo escreve também para unir os cristãos judeus e gentios.

Portanto, pelo menos esses três propósitos parecem estar por trás do livro de Romanos. Mas vejamos o capítulo 6. Como parte deste argumento, desta explicação

detalhada do evangelho de Paulo, no capítulo 6 de Romanos, a primeira coisa que queremos fazer é colocá-lo dentro do seu contexto. O capítulo 6 de Romanos, obviamente, segue o capítulo 5. Mas o que é significativo nisso é que o capítulo 5, versículos 1 a 11, em particular, inicia uma seção onde Paulo começa a examinar os resultados da justificação que ele defendeu nos primeiros quatro capítulos.

Nos primeiros quatro capítulos, ele defende a justificação unicamente pela fé que agora está disponível para judeus e gentios. Agora, eles podem ser justificados e declarados povo de Deus, declarados justos, baseados na fé em Jesus Cristo, independentemente das obras da lei. Mas agora os resultados dessa justificação pela fé são vistos particularmente nos capítulos 5 a 8. Isto é, a esperança que eles têm agora, a esperança que eles têm agora através da justificação pela fé, significa que, antes de tudo, esta esperança é baseada continua, e esta justificação resulta em liberdade da ira de Deus, capítulo 5, versículos 1 a 11.

Também significa libertação do poder do pecado. No capítulo 6, significa liberdade da lei. No capítulo 7, e em última análise, a sua esperança significa libertação da morte, e a sua justificação resulta na libertação da morte.

Portanto, estes capítulos demonstram que a esperança que vem da justificação é baseada na liberdade que o povo de Deus tem da ira de Deus, do julgamento, do pecado, do poder do pecado que reina sobre eles, da morte e da lei também. Mas 6, 1 a 11, mais especificamente, parece fluir naturalmente do capítulo 5, a segunda metade do capítulo 5, e dos versículos 12 a 21, de duas maneiras. Número um, já vimos que o capítulo 6, de 1 a 11, o texto que acabamos de ler há pouco, é uma resposta a uma possível objeção de algo que foi dito no capítulo 5 e versículo 20, onde Paulo disse: "...a lei foi acrescentada para que aumentassem as ofensas, mas onde aumentava o pecado, aumentava ainda mais a graça." E assim o capítulo 6, versículo 1, começa com uma pergunta: se a graça abunda onde o pecado aumenta,

deveríamos continuar pecando mais para que a graça possa aumentar ainda mais? Quanto mais eu peço, mais a graça aumentará e abundará.

Então , por um lado, Paulo está respondendo a uma possível objeção com base em algo que ele disse no capítulo 5, levantando uma questão. Agora, isso é o que se chama, isso ocorre na forma do que se conhece como diatribe, ou seja, ao apresentar um adversário imaginário, Paulo entra em uma espécie de diálogo com esse adversário imaginário que levanta questões , possíveis objeções. Tem havido muitos estudos interessantes sobre o que está envolvido nisso.

Muitos atribuíram isto a uma técnica típica greco-romana de ensino na sala de aula, por isso era apenas uma forma de instrução, era apenas uma forma de o professor levantar possíveis objeções ao seu argumento para promover o seu argumento no seu ensino. Pode ou não representar necessariamente o que alguém realmente disse, pode ser do autor, apenas a maneira retoricamente do próprio autor de apresentar seu argumento em seu ensino. Portanto , Paulo parece estar se baseando em uma forma bastante comum conhecida como, que os estudiosos identificaram como uma diatribe que pode ter tido suas raízes nas escolas filosóficas e em seus ensinamentos.

É evidente que Paulo está antecipando, de forma diatribal , antecipando possíveis objeções e respondendo a elas como forma de avançar seu argumento. É difícil dizer, porém, se essas objeções, essas questões que ele levanta, são a maneira de Paulo simplesmente avançar seu argumento e antecipar possíveis objeções, ou se essas questões levantam objeções reais que seus oponentes, ou os próprios judaizantes, por exemplo, levantaram. Essa é uma possibilidade.

Mas o que quero simplesmente focar é como essa pergunta funciona para levar o argumento de Paulo adiante e relacionar o capítulo 6 com o capítulo 5. Portanto, a

primeira maneira pela qual o capítulo 6 se relaciona com o capítulo 5 é neste formato de pergunta-resposta, a pergunta que é uma pergunta. pergunta que levanta uma objeção hipotética ou possível a algo que Paulo acabou de dizer. A segunda maneira pela qual isso se relaciona é, creio eu, no capítulo 6, e veremos isso daqui a pouco, o contraste Adão-Cristo que encontramos no capítulo 5 ainda continua no capítulo 6. Ou seja, no capítulo 5 encontramos este contraste entre Adão e o que ele fez e realizou ao mergulhar a humanidade no pecado e na morte, e agora também no capítulo 6, o que Jesus Cristo faz através da sua morte na cruz, através do seu ato de obediência, em contraste com o ato de desobediência de Adão, seu pecado, agora em seu ato de obediência, Cristo agora traz justiça e vida. Assim, Adão e Cristo são retratados como duas cabeças da humanidade.

Adão da velha humanidade, dominado e governado pelo pecado e pela morte, e agora Jesus Cristo formando e estabelecendo uma nova humanidade, caracterizada e governada pela vida e pela justiça. Portanto, duas humanidades, duas esferas com suas respectivas cabeças, Adão e Jesus Cristo. Isto parecerá continuar a influenciar o que encontramos no capítulo 6 de Romanos. Outra maneira de conectar os dois é que o capítulo 6 também pode servir para demonstrar que, em contraste com o que poderia ser possivelmente deduzido de 5:20, se onde o pecado aumenta, a graça aumenta ainda mais, deveríamos continuar a pecar? Agora Paulo diz, não, a justificação, em vez de libertar alguém para fazer o que quiser, a justificação tem consequências morais inevitáveis, e o capítulo 6 é um lembrete claro de que ninguém pode continuar pecando.

Se onde aumenta o pecado, a graça aumenta ainda mais, não é uma justificativa para continuar a pecar. Assim, o capítulo 6 mostrará que a justificação e a esperança do povo de Deus no capítulo 5 têm consequências morais. Então, olhando mais de perto o próprio capítulo 6, de 1 a 11, já vimos que ele se desenvolve de acordo com um formato de pergunta-resposta.

Capítulo 1, ou sinto muito, capítulo 6, versículo 1 levanta uma questão que vimos ser baseada em um mal-entendido potencial de 520, ou uma possível objeção ao argumento de Paulo em 520, seguida pela resposta a essa pergunta. Portanto, todo o texto funciona de acordo com este formato de pergunta-resposta. A pergunta no versículo 1 e depois de 2 a 11 constitui a resposta a essa pergunta.

Novamente, a questão é: se deveríamos continuar pecando para que a graça pudesse aumentar? Essa é a resposta. A questão assume duas formas. O que deveríamos dizer então, é a primeira pergunta e, mais especificamente, a questão é: devemos continuar pecando para que a graça possa aumentar? Esse é o resto do texto de Romanos 6, 1 a 11, especificamente 2 a 11, que é uma resposta a essa pergunta.

Agora, a resposta em si está pelo menos em duas partes. O número um é que a resposta inicial para essa pergunta no versículo 2 é tão conhecida, de forma alguma, e é interessante explorar uma série de traduções para ver como elas lidam com isso. De forma alguma, ou talvez nunca seja, ou a antiga versão King James, eu acho, dizia: Deus me livre.

Isto é, a primeira resposta é simplesmente uma interjeição totalmente justa. De forma alguma, de jeito nenhum, isso nunca deveria acontecer. Deus não permita que este seja o caso, que se onde a graça aumenta, deveríamos pecar mais para que a graça possa aumentar? Deus não permita que isso aconteça.

Isso nunca pode acontecer. Esta é uma espécie de desabafo inicial à questão. De jeito nenhum.

Mas Paulo continua, a segunda parte da resposta à pergunta é: Paulo continua descrevendo com mais detalhes por que isso é absurdo? Por que não deveria ser esse o caso? E acho que a chave é que a parte principal da resposta se encontra na

segunda metade do versículo 2. Morremos para o pecado. Como podemos viver nele por mais tempo? Essa é a segunda parte da questão. Novamente, a primeira é a explosão, Deus me livre, e agora, para dar mais conteúdo, a razão pela qual Deus me livre é que morremos para o pecado.

Então, como podemos viver nisso por mais tempo? Há algo inconsistente no povo de Deus que morreu para o pecado, do que viver no pecado. Há uma contradição aí, uma inconsistência. Mas esta, esta parte do, olhando mais detalhadamente para 6, 1 a 11, esta parte da resposta, nós morremos para o pecado, como podemos continuar a viver nele? Isso agora será explicado com mais detalhes e descompactado no restante dos versículos 3 a 11.

Em outras palavras, o que significa que morremos para o pecado? Como morremos para o pecado de uma forma que torna absurdo continuarmos a viver nele? Então, no restante, começando com o versículo 3, Paulo vai começar a explicar como é que morremos para o pecado. Porque obviamente ele está se dirigindo, ele está se dirigindo aos leitores que ainda estão vivos. Por que ele escreveria esta carta para pessoas que estão realmente mortas? Então, agora ele vai explicar o que, de que maneira os leitores morreram para o pecado que torna tão absurdo e contraditório que eles continuem a viver nele.

E então o versículo 11 será a exortação sumária que refuta a objeção do versículo 1. Deveríamos então continuar a viver no pecado para que a graça pudesse aumentar? O versículo 11 derruba isso em um comando sumário. Não, pelo contrário, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus. Como dissemos, o fato de termos morrido para o pecado no versículo 2 exige mais explicações no restante do texto.

Mas quero começar examinando o que significa isso, o que Paulo quer dizer ao dizer que morremos? Deveríamos entender isso talvez em termos mais leves, na medida em que significa simplesmente que não respondemos ao pecado, ou que o pecado não tem efeito sobre nós, ou algo assim. Eu acho que Paulo usa a morte no sentido mais forte do termo, e acho que ele a usa no sentido de morte física. Isto é, como vimos no capítulo 5, versículos 12 a 21, como esse contraste entre Adão e Cristo que eu disse, disse ainda continua a influenciar esta seção, capítulo 6, 1 a 11.

Em 5, 12 a 21, vimos que Paulo, Paulo opera com duas eras, ou duas eras, ou duas humanidades, que têm suas respectivas cabeças. A, a velhice, a velha era, a velha humanidade com Adão como cabeça, dominada pelo pecado e pela morte, e depois uma nova era, uma nova era, uma nova humanidade, que foi criada e inaugurada na pessoa de Jesus Cristo. E acho que Paulo está operando com o entendimento de que a única maneira de ser libertado ou de fazer a transição da velha era para a nova era é através da morte.

A única maneira de escapar do poder e da influência da era antiga e da velhice sob Adão é morrer fisicamente. Portanto, é preciso morrer para ser libertado do poder e da autoridade da velhice, sob Adão. A outra coisa a notar aqui é como Paulo usa a palavra pecado.

Ele usa a palavra pecado cantar, no singular. Observe que ele não diz, você morreu para os seus pecados, mas ele diz que você morreu para o pecado, singular. Isso porque penso que Paulo concebe o pecado como um poder que nos governa e nos controla, como parte daquela era antiga e da velhice sob Adão.

Portanto, a única maneira pela qual posso ser libertado ou escapar do poder do mal presente, da era atual, da era atual, ou sob Adão, dominado pelo pecado, a única maneira pela qual posso escapar do controle, da dominação e do domínio do pecado

, é morrer fisicamente. Mas isso ainda levanta a questão: de que forma podemos dizer que morremos fisicamente? De que forma podemos dizer que experimentamos uma morte que pôs fim ao reinado e governo da presente era sob Adão, e ao governo e domínio do pecado sobre nós? Os capítulos, versículos 3 e 4 explicam isso. De facto morremos, isto é, experimentámos de facto aquela morte que nos liberta do poder da época presente.

De fato, morremos e experimentamos essa morte física, essa morte que encerra uma era, ao nos unirmos a alguém que de fato morreu, e essa morte é a pessoa de Jesus Cristo. A morte de Jesus Cristo pôs fim à velha era e, em virtude de estarmos unidos a Jesus Cristo, também participamos daquela morte que põe fim à velha era e põe fim ao governo e ao reinado da morte, e nos liberta desse poder. Mas você notará que, para Paulo, ele vai além de apenas discutir a morte de Jesus, que põe fim à velha era, mas discute o fato de que a ressurreição de Jesus é necessária para inaugurar uma nova era.

Então nós também, de acordo com Paulo, também fomos unidos a Cristo, não apenas na sua morte, na sua morte, mas também fomos unidos na sua ressurreição. Fomos unidos a Cristo e à sua morte, de modo que fomos libertados do poder do pecado e da velha era sob a liderança de Adão, mas ao estarmos unidos à ressurreição de Cristo, também participamos agora de uma nova era, a nova era que Cristo inaugurou, que é caracterizada pela vida e pela justiça, como vimos em 5, 12, até 21. O outro elo nisso é perguntar: como é que nos unimos a Cristo? Paulo liga isso ao batismo.

Ele diz que é através do batismo. O batismo é o meio que nos une a Cristo e nos liga a Cristo e à sua morte, ao seu sepultamento e à sua ressurreição. Portanto, é importante entender o que Paulo quer dizer com batismo aqui.

Muitos interpretaram isso como significando um batismo espiritual. Ou seja, Paulo está se referindo a ser batizado ou imerso no Espírito Santo, tal como se encontra em um texto como 1 Coríntios 12, e especialmente muitos estudantes do Novo Testamento foram atraídos por esta explicação do batismo aqui em Romanos 6, em para evitar contradizer o que Paulo disse em outro lugar, que somos justificados somente pela fé, e não pelas obras da lei. Ele defende isso nos capítulos 1 a 4. Então, agora, não seria inconsistente para Paulo introduzir outra obra, o batismo, como o meio pelo qual somos salvos e unidos a Cristo? Portanto, alguns concluíram que isto deve referir-se ao batismo espiritual.

No entanto, penso que ainda há muito a ser dito sobre identificar isto como o batismo físico na água, como o primitivo, como o rito da igreja primitiva, que de certa forma os iniciou na igreja e no povo de Deus. Por exemplo, normalmente, quando o batismo é usado metaforicamente, muitas vezes tem um qualificador como batismo no Espírito ou algo parecido. Portanto, provavelmente o batismo aqui é utilizado em seu sentido físico como batismo nas águas, como, novamente, o rito da igreja primitiva.

Mas por que Paulo enfatiza o batismo? Provavelmente, a maneira de entender isso é que Paulo teria concebido a experiência e o processo de salvação como consistindo de uma série de elementos que estão todos agrupados. Isto é, a fé e a conversão, o dom e o recebimento do Espírito Santo e o batismo nas águas teriam sido vistos como uma experiência unificada. Então, portanto, o batismo funcionaria como um caminho, como algo que representa toda a experiência de conversão, meio que usando uma espécie de figura de discurso ou um uso de linguagem chamado metonímia, onde uma parte representa o todo.

Assim, Paulo poderia referir-se à experiência do batismo, ao rito físico do batismo, como representando todo o processo de conversão. Representando o processo, todo

o processo de fé e conversão e recebimento do Espírito Santo, o batismo nas águas seria simplesmente o meio de se referir a toda essa experiência. Assim, Paulo pode dizer que através do batismo nas águas, assumindo a fé e a conversão, etc., através do batismo nas águas, então a pessoa está unida a Cristo, à sua morte e à sua ressurreição.

Então, ao fazer isso, ao nos unirmos à morte e ressurreição de Jesus, somos libertados da velhice, da velha era, e do reinado e dominação do pecado e da morte sob Adão. Mas ao estarmos unidos à sua ressurreição, então também somos inaugurados ou participamos também na nova era de salvação que Cristo inaugura através da sua ressurreição, caracterizada pela vida. Portanto, para Paulo, o que ele quer dizer até agora é que é inconsistente que os cristãos continuem a viver no pecado.

Esta mesma questão, se continuarmos pecando para que a graça possa aumentar, é absurda em virtude do fato de que morremos para o pecado ao sermos unidos a Cristo através do batismo, sendo unidos à morte e ressurreição de Cristo. Morremos para o pecado porque experimentamos uma morte que põe fim ao reinado da velha era do pecado, em virtude de estarmos unidos a alguém que realmente morreu, a pessoa de Jesus Cristo. Mas mais do que isso, não apenas fomos libertos da era e do domínio do pecado sob Adão, mas agora, através da união com a ressurreição de Cristo, também participamos da nova era, de uma nova era, e temos a esperança de participar, em última instância, na ressurreição de Cristo.

Os versículos 5 a 10 explicam com mais detalhes e desvendam isso ainda mais. O que significa estar unido a Jesus na sua morte e ressurreição? Os versículos 5 a 10 explicam isso melhor. E aqui, observe que Paulo usa, em primeiro lugar, ele usa a linguagem da escravidão no versículo 6, o que é que parte de ser, morrer para o pecado e ser libertado desta era presente é que não somos mais escravos do pecado.

Não estamos mais sob seu domínio. Novamente, Paulo concebe o pecado não apenas como atos individuais de pecado, embora isso seja parte dele, mas é meramente o resultado do pecado ser um poder e um mestre que nos controla e domina. Uma parte de morrer para o pecado em virtude de estar unido a Cristo no versículo 6 é que agora estamos libertos, não somos mais escravos do pecado.

Estamos livres de sua tirania. Esse parece ser o ponto principal de Paulo: ao nos unirmos a Cristo em sua morte, morremos para o pecado, libertando-nos, portanto, do reinado e da tirania do pecado sobre nossas vidas. Mas observe as outras duas maneiras pelas quais ele descreve o domínio do pecado sobre nós.

Primeiro, ele usa a linguagem do velho eu no versículo 6. Ele diz, pois sabemos que o nosso velho eu foi crucificado. Novamente, provavelmente deveríamos entender esta linguagem à luz dos capítulos 5, 12 a 21. O velho eu não é alguma parte ontológica de mim, do meu ser, ou alguma parte separada de mim, ou algum impulso que reside em algum lugar específico da minha vida. corpo, mas provavelmente o antigo eu se refere a todo o meu ser, à minha totalidade, física e espiritualmente, como sob a influência de Adão, como parte da velha era sob Adão que é controlada, sob a qual somos controlados, dominados e governados pelo pecado.

Aquele velho eu, que eu era em Adão, todo o meu eu, governado pelo pecado na era antiga, foi agora crucificado e condenado à morte. Acho que a linguagem de Paulo sobre o crucificado é intencional porque, novamente, a forma como isso foi crucificado é que fomos unidos à própria crucificação de Jesus, sua própria morte e a crucificação são, de alguma forma, nossas também. Em virtude de estarmos unidos a Cristo, participamos disso, assim ele pode dizer, do meu antigo eu, não de uma parte separada de mim que é obliterada, mas de quem eu sou sob a era antiga, sob Adão,

dominado e controlado pelo pecado, agora foi crucificado em virtude de estarmos unidos a Cristo e participarmos de sua morte.

Mas, além disso, observe também que ele usa a linguagem do corpo do pecado, para que o corpo do pecado possa ser destruído ou eliminado. Novamente, acho que corpo do pecado não está se referindo apenas, portanto, ao meu corpo físico pecaminoso, que há algo pecaminoso no corpo físico que Paulo considera repulsivo em oposição à parte espiritual de mim. Mas, novamente, em vez disso, o corpo do pecado provavelmente deve ser entendido de uma forma semelhante ao meu antigo eu, isto é, todo o meu eu como sob o governo e a tirania do pecado, sob Adão como parte da velha era, que agora foi destruído e eliminado, novamente, ao ser unido à morte de Jesus Cristo.

Portanto, a nossa ligação com a morte de Jesus Cristo é tão forte que Paulo pode usar esta linguagem de quem eu era em Adão na era antiga, governado pelo pecado, foi crucificado, foi destruído, foi completamente eliminado. Portanto, esse versículo 7 parece articular o princípio primário que está por trás disso, quando Paulo diz que qualquer pessoa que morreu foi libertada do pecado. E esse é todo o argumento de Paulo.

Requer uma morte. A única maneira de ser libertado da tirania do pecado na velhice é morrer. E, novamente, é exatamente isso que Paulo está convencido de que aconteceu aos cristãos em virtude de serem unidos através do batismo como parte, como uma espécie de parte que representa toda a experiência de conversão.

Através do batismo, fomos unidos à morte de Jesus, que põe fim ao domínio do pecado e à velhice na vida do povo de Deus. Então, os versículos 9 e 10 simplesmente continuam, e mais uma vez, observe como em 9 e 10, a morte de Cristo é descrita de uma forma que retoma um pouco da linguagem do versículo 2.

De volta ao versículo 2, quando Paulo diz, nós ' morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele? E nos versículos 9 e 10, Paulo quer ter certeza de que essa é a própria experiência da qual Cristo participou. Ou essa é a maneira de entender a morte de Cristo.

Assim, nos versículos 9 e 10, ele diz, pois sabemos que, uma vez que Cristo ressuscitou dos mortos, ele não pode morrer novamente. A morte já não tem domínio sobre ele, já não o governa. Da mesma forma que o versículo 6, o pecado não mais e a morte não nos governam mais.

A morte que ele morreu, ele morreu para o pecado de uma vez por todas. O que reflete o versículo 2, nós morremos para o pecado, mas a vida que ele vive, ele vive para Deus. Portanto, a maneira como a morte de Cristo para o pecado é descrita nos versículos 9 e 10 é um reflexo da maneira como é descrita, a maneira como a nossa morte para o pecado é descrita no versículo 2. Paulo quer deixar claro que, novamente, há uma inconsistência sobre o povo de Deus continuar no pecado, porque na verdade, eles morreram para o pecado.

Isto é, eles morreram para a tirania e o poder do pecado. O pecado não os domina mais, porque eles morreram. Libertando-os da era, da era e era atual sob Adão, e do governo e da tirania do pecado.

Mas a forma como morreram, a morte que experimentaram, foi unindo-se à morte de outra pessoa. Ou seja, a morte de Jesus Cristo, que põe fim à velha era. Mas, novamente, Paulo deixa claro que, mais do que apenas estarmos unidos à morte de Jesus, também estivemos unidos à ressurreição de Jesus.

E assim, portanto, fomos criados para viver uma nova vida. Portanto, não se trata apenas de ser libertado do poder do pecado, mas de participar de uma nova vida, em

virtude de estar unido à ressurreição de Cristo. Observe um pouco dessa linguagem, no entanto.

Por exemplo, no versículo 9, pois sabemos que, visto que Cristo ressuscitou dentre os mortos, ele não pode morrer novamente. A morte não tem mais domínio sobre ele. A morte que ele morreu, ele morreu para o pecado de uma vez por todas.

Mas a vida que ele vive, ele vive para Deus. Mas para apoiar o versículo 8, que precede isso, ele diz: Se morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele. Observe o tempo futuro.

Gramaticalmente, viveremos com ele. Os intérpretes deste texto debatem: deveríamos encarar isso como um futuro estrito? Isto é, como uma referência à segunda vinda. Viveremos com ele no futuro, na segunda vinda.

Ou isso é mais lógico? Se isso for verdade, então também será verdade. Para que também a participação na ressurreição de Cristo pudesse estar presente. Não importa o caminho que se tome, ambos são claros no contexto.

Está claro que já participamos da ressurreição de Cristo através do batismo. Mesmo que a experiência final dessa ressurreição, e a libertação final da tirania do pecado, não venha até o futuro, na nova criação, ou na segunda vinda de Cristo. Neste caso, ainda aguardamos, em última análise, a segunda vinda de Cristo.

Embora novamente, mesmo então, Paulo já tenha enfatizado a nossa capacidade de caminhar ou viver uma nova vida. De volta ao versículo 4 do capítulo 6 de Romanos. Então, tudo isso pretende argumentar, até este ponto, que a perspectiva articulada na pergunta no versículo 1 é absurda. Há uma contradição, uma inconsistência, sobre os cristãos, ou sobre a perspectiva do pecado cristão, para que a graça possa aumentar, porque o povo de Deus morreu para o pecado.

Em virtude de estar unido a Cristo através do batismo em sua morte, o povo de Deus morreu para o pecado, de modo que há uma inconsistência em afirmar estar unido com Cristo, mas continuar pecando. Então Paulo diz que isso é um absurdo, porque já experimentamos aquela morte que quebra o poder do pecado na era antiga, que nos liberta disso. E também fomos criados para participar de uma nova era, de uma nova vida, em virtude de estarmos unidos à morte, ao sepultamento e à ressurreição de Jesus.

Portanto, a morte é necessária para pôr fim à nossa existência na era antiga. A única maneira de quebrar o poder da morte ou do pecado sobre nós é morrer. E Paulo está convencido de que isso realmente aconteceu em virtude da união, embora não explique exatamente como nos unimos a Jesus Cristo.

Ele ainda está, de fato, convencido de que a morte histórica de Jesus, de alguma forma, tornou-se a nossa. Ao estarmos unidos a Cristo, participamos nisso, para que a sua morte seja a morte que vivemos, que põe fim à velha era e ao seu domínio sobre nós. Mas da mesma forma, também estivemos unidos à sua ressurreição, que nos conduz a uma nova vida, nos faz participar da nova era da vida, mas mais do que isso, nos dá esperança para a ressurreição futura e, em última análise, para superar o poder do pecado.

Mas o texto então termina no versículo 11. No versículo 11, ao desfazer essa objeção hipotética, na forma dessa pergunta absurda em 6.1, Paulo agora termina derrubando isso com uma exortação ética na forma de uma ordem. Observe que começa com, desta forma, isto é, com base no que o autor acabou de dizer nos versículos 9 e 10.

Ou seja, desta mesma forma. De que maneira? De acordo com o versículo 10, da mesma forma que Cristo morreu uma morte para o pecado, para que a morte não tenha mais domínio sobre ele, da mesma forma, e agora ele vive a vida para Deus, da mesma forma, diz Paulo, considerem-se mortos para o pecado, da mesma forma que Cristo morreu para o pecado, da mesma forma considerem-se mortos para o pecado, mas da mesma forma, no versículo 10, que Deus vive, que Jesus vive, na vida que ele vive, ele vive para Deus, da mesma forma, considerem-se vivos para Deus, em Cristo Jesus. Novamente, é através da união com Cristo em sua morte e ressurreição que Paulo pode dizer que tudo isso é verdade.

Curiosamente, a palavra considerar é um termo que sugere, não apenas considerar, mas julgar, considerar o caso. Mas, novamente, isso não é simplesmente uma ficção. Não é a ideia de considerar algo como tal, mesmo que na verdade não o seja.

Ou pense desta forma, mesmo que não seja o caso. Mas em vez disso, este é um julgamento ou uma consideração que não é uma ficção, mas é uma realidade, é considerar algo verdadeiro e válido, porque Paulo diz, de fato, é uma realidade, podemos nos considerar mortos para o pecado e vivos para Deus, não como ficção, mas como realidade, porque, de fato, estamos unidos à realidade da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Portanto, esta consideração ou julgamento, no versículo 11, é uma realidade, deve ser vista à luz da realidade da própria morte e ressurreição de Cristo que agora se torna nossa em virtude de estarmos unidos a Cristo, e participarmos de alguma forma em sua morte e sua ressurreição.

O que quero que você observe é que é intrigante que Paulo termine isso com uma ordem, porque isso parece, em certo sentido, criar uma tensão no texto. Porque observe como Paulo usou uma linguagem bastante forte e desqualificada até este ponto. Começando com o versículo 2, ele diz: Morremos para o pecado, como

podemos continuar vivendo isso? Ele usa termos como, no versículo 6, Sabemos que o nosso antigo eu foi crucificado.

Novamente, usando uma linguagem que se refere à crucificação de Cristo. E então ele diz: Para que o corpo do pecado seja eliminado. A linguagem é provavelmente ainda mais forte que isso, pode ser destruída.

E então o versículo 7: Qualquer pessoa que morreu foi libertada do pecado. Então você tem essa linguagem forte e não qualificada. Morremos para o pecado.

O corpo do pecado foi destruído. O velho eu foi crucificado. Por causa da morte, fomos libertos do pecado.

O pecado é um poder que exerce domínio e tirania sobre as pessoas. Agora que temos, Paulo usa uma linguagem bastante forte. Nós morremos.

Fomos crucificados. O corpo do pecado foi destruído. Fomos livres do pecado.

Então, como é que Paulo termina esta seção com uma ordem ou um imperativo? Isso parece criar uma tensão no texto. Se realmente morremos para o pecado, se o corpo do pecado foi destruído, se o velho eu foi crucificado, se através da morte fomos libertos do pecado, por que Paulo tem que nos dizer agora para não deixarmos, por que ele precisa nos dizer para nos considerarmos mortos para o pecado e vivos para Deus? Por que precisamos que nos digam isso e nos ordenem se isso é de fato uma realidade? O que penso que encontramos aqui no texto é parte da tensão que encontramos em todo o Novo Testamento entre o que já é verdade em virtude de estar unido a Cristo, mas o que ainda não está completo ou consumado porque o fim ainda não chegou. O que os teólogos cristãos identificam como a segunda vinda de Cristo.

Como a ressurreição do fim dos tempos e a nova criação ainda não ocorreram, ela só foi inaugurada na forma parcial inicial. Já está presente, mas ainda não chegou na sua plenitude e perfeição. É por causa dessa tensão, a tensão entre o que já é verdade, o que já foi iniciado e inaugurado e o que ainda não foi concluído e consumado.

Os cristãos vivem na tensão entre os dois. É essa tensão que se reflete na linguagem de Paulo. Então o já é, porque já estamos unidos a Cristo, o já significa que Paulo pode usar uma linguagem absoluta.

Sim, já morremos para o pecado. O corpo do pecado foi destruído. O velho eu foi crucificado.

Já morremos para o pecado e por isso fomos libertos dele. Isso já é verdade porque estamos unidos a Cristo. Mas por causa do ainda não, porque a perfeição, a ressurreição final e a nova criação ainda não chegaram, ainda precisamos do imperativo.

Precisamos considerar isso verdadeiro ao continuar a viver entre essa tensão, entre o que já é verdade, mas o que ainda não foi concluído e aperfeiçoado. Entre esse tempo, o que é exigido do povo de Deus é um processo de considerar e reconhecer que morremos para o pecado em virtude de estarmos unidos com Cristo e agora vivemos para Deus. Outra terminologia que os estudantes do Novo Testamento usam frequentemente é a tensão entre o indicativo e o imperativo.

Os indicativos são declarações do que já é verdade em virtude de estarmos unidos a Cristo. Então o indicativo é que você morreu para o pecado. Por que viver mais nele? O indicativo é que o velho eu foi crucificado.

Novamente, usando uma linguagem muito forte. Novamente, o indicativo é que o corpo do pecado foi destruído. No versículo 7, o indicativo adicional, porque qualquer pessoa que morreu para o pecado, qualquer pessoa que morreu foi libertada do pecado.

Portanto, os primeiros versículos 2 a 10 são basicamente indicativos, simplesmente declarações que são verdadeiras em virtude de estarem unidas a Cristo. O imperativo então vem no versículo 11, que equilibra o que já existe com o que ainda não é o caso. Além disso, o indicativo fundamenta ou torna possível o imperativo.

É impossível me considerar morto para o pecado e vivo para Deus se isso de fato não for verdade. O imperativo não tem dentes. Falta força se não estiver fundamentada no indicativo.

Essa é a realidade da morte e ressurreição de Jesus Cristo à qual nos unimos. Então, novamente, esse é o indicativo do motivo pelo qual Paulo pode fazer essas declarações bastante fortes. Você morreu para o pecado.

O corpo do pecado foi destruído. O velho eu foi crucificado. Mas esta tensão entre o que já existe e o que ainda está por realizar cria a necessidade do imperativo.

Então Paulo pode terminar no versículo 11. Portanto, vocês precisam se considerar mortos para o pecado e vivos para Deus. Uma ordem para viver a vida nesta tensão entre o já e o ainda não, mas um imperativo, uma ordem que é válida e necessária e factível porque está fundamentada na realidade da própria morte e ressurreição de Jesus à qual estamos unidos.

Observe como o capítulo 6, 1 a 11, se relaciona com o que vem depois dele. Versículo 12, e você notará também, é aqui que as traduções para o inglês são interessantes.

Você notará que várias traduções para o inglês dividem os versículos de maneira um pouco diferente em 6, 1 a 11.

O texto da NVI que estou vendo, a NVI original, começa um novo parágrafo no versículo 11. Ele meio que separa o versículo 11 dos versículos 1 a 10, provavelmente porque o versículo 11, novamente, é imperativo. É uma ordem para os leitores se apropriarem do que é verdade em suas próprias vidas com base na realidade dos versículos 1 a 10.

Mas observe que o versículo 11 começa com um portanto, que muitas vezes é uma maneira forte de vincular algo ao que foi dito anteriormente, e muitas vezes é usado para introduzir um novo pensamento, de modo que provavelmente o versículo 11 deveria ir com 1 a 10 como conclusão para 1 a 10. Mas então os versículos 11, ou sinto muito, os versículos 12 até o final do capítulo 6 parecem funcionar com mais detalhes e explicar com mais detalhes a ordem dos versículos 12, 11. Portanto, 11 é uma espécie de imperativo geral.

Considerem-se mortos para o pecado e vivos para Deus. Mas como é isso? O que isso implica? Os capítulos 6, 12, versículos 12 e seguintes até o final do capítulo explicam com mais detalhes o que isso envolve. Então o versículo 12 começa, portanto, baseado, isto é, baseado nos versículos 1 a 10, ou 1 a 11, especialmente o versículo 11, portanto, porque você morreu para Cristo, foi unido a Cristo, e morreu para o pecado através de Cristo, e foi ressuscitado pela identificação com Cristo para viver uma nova vida, portanto, não deixe o pecado reinar em seu corpo mortal para que você obedeça ao seu desejo maligno.

Então agora, novamente, baseado no indicativo, versículos 1 a 10, aqui está o imperativo. Não deixem o pecado reinar em seus corpos mortais. Versículo 13, não ofereça as partes do seu corpo ao pecado como instrumentos de maldade, mas antes

ofereça-se a Deus como aqueles que foram trazidos da morte para a vida, e ofereça as partes do seu corpo a ele como instrumentos de justiça, pois o pecado não será seu mestre, porque você não está mais sob a lei, mas sob a graça.

Portanto, o restante deste capítulo continua descompactando e explicando com mais detalhes o que está envolvido no comando final de 1 a 11. Então, o que tentei fazer ao examinar este texto foi aplicar os diferentes métodos, observando a passagem em termos de vocabulário e significado, olhando para fazer alguns comentários gramaticais, olhando para o seu conteúdo teológico e os temas teológicos, relacionando-o com o seu contexto mais amplo, e o contexto final de Romanos 1 a 6, mas também como ele cresce a partir de o que vem antes e como ele se funde e se prepara para o que vem depois. Então, esperançosamente, à medida que trabalhamos no texto, você foi capaz de identificar os diferentes métodos em ação, crítica histórica, contexto, estudo de palavras, análise gramatical, análise teológica, etc., etc., para ver como isso funciona.

Uma das coisas sobre as quais não falamos explicitamente foi o Antigo Testamento no Novo. Obviamente, isso está oculto com base na comparação entre Cristo e Adão no capítulo 5. Agora, isso se estende e continua a informar o capítulo 6, de 1 a 11. Mas vou parar aí com o texto.

Novamente, esperamos que você tenha uma ideia mais clara de como os diferentes métodos podem ser implementados na compreensão deste texto. O que quero fazer na próxima sessão é olhar para outro texto, um texto muito diferente, com características literárias diferentes, necessidades diferentes e que levanta questões diferentes, e esse é uma passagem do Livro do Apocalipse. Veremos isso em termos de diferentes metodologias interpretativas e como isso pode afetar a forma como interpretamos esse texto.